

PROJETO ARMAZÉM – UM JOGO RELACIONAL

Franciele Favero¹, Francine Goudel² e Juliana Crispe³

ARMAZÉM PROJECT – A RELATIONAL PROPOSITION

PROJET ARMAZÉM – UN JEU RELATIONNEL

1 Franciele Favero é artista visual e mestra em Artes Visuais pelo PPGAV/UDESC. Professora colaboradora do DAV/UDESC.
CV: <http://lattes.cnpq.br/3476875534181149> ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6946-3684> E-mail: faverofranciele@gmail.com

2 Francine Goudel é historiadora de arte, curadora e produtora, doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/UDESC. Pesquisadora independente.
CV: <http://lattes.cnpq.br/8550865192422575> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1667-6833> E-mail: contato@francinegoudel.com

3 Juliana Crispe é professora do DAV/UDESC, curadora independente, arte-educadora e pesquisadora. Coordena o Projeto Armazém.
CV: <http://lattes.cnpq.br/7404101839941609> ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8464-1005> E-mail: ju_ceart@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo propõe trazer reflexões sobre o Projeto Armazém, suas relações históricas, conceituais e artísticas. Traz o múltiplo de artista e a publicação de artista como elemento motriz para realização do projeto em suas diferentes articulações e efetivações ao longo de mais de 10 anos de realização. A compreensão coletiva, de um projeto que se torna corpo vivo, entre artistas de distintas gerações, entre os espectadores, entre a quebra de hierarquia instaurada no campo artístico, tudo isso ligado a multiplicidade da obra de arte faz deste projeto um jogo relacional, vivo e pulsante na história da arte catarinense e com sua inserção no circuito artístico nacional.

Palavras-chave: Projeto Armazém, Múltiplo de Artista, Publicação de Artista, Jogo Relacional.

ABSTRACT

This article offers some reflections about the Armazém Project, including its historical, conceptual and artistic relations. The text addresses multiples and artist's publications as the driving forces to the realization of the project in its various articulations and activities over more than 10 years of existence. The collective aspect of a project that becomes a living organism, the connection between artists of different generations and with the public, that questions the hierarchy established on the art field, all that related to the multiplicity of the work of art, results on a relational proposition, a vibrant and dynamic project in the history of the art of Santa Catarina state, in Brazil, with an insertion in the national's art scene.

Keywords: Armazém Project, Multiple, Artist's Publication, Relational Proposition.

RÉSUMÉ

Cet article propose des réflexions sur le Projet Armazém, ses relations historiques, conceptuelles et artistiques. Le texte aborde le multiple d'art et la publication d'artiste comme élément moteur pour la réalisation du projet dans ses diverses articulations et activités au long de plus de 10 ans d'existence. L'aspect collectif, d'un projet qui devient un corps vivant, entre artistes de plusieurs générations, entre les spectateurs, entre la rupture de hiérarchie instaurée dans le champ artistique, tout cela lié à la multiplicité de l'oeuvre d'art rend ce projet un jeu relationnel, vivant et dynamique dans l'histoire de l'art de l'état de Santa Catarina et avec une insertion dans la scène artistique nationale du Brésil.

Mots clés: Projet Armazém, Multiple d'Art, Publication d'Artiste, Jeu Relationnel.

Com 12 anos de existência, o Projeto Armazém (2011-)⁴ emergiu como um espaço propositor e articulador de obras artísticas que tem em suas construções o processo de reprodutibilidade como premissa. Ao longo desses anos, e de suas 26 edições, tornou-se espaço de pesquisa de múltiplos e publicações de artistas, resultando em diversas exposições, feiras, oficinas, seminários e processos educativos, incluindo a formação de um acervo heterogêneo, tanto no que diz respeito a formatos, técnicas, quanto a diversidade de temas e de artistas de distintas gerações e contextos históricos.

Nos processos históricos, o múltiplo enquanto linguagem estabeleceu-se no campo das artes através da gravura em meados do século XV, sendo referenciada como “arte menor” em detrimento as outras linguagens artísticas tidas como maiores (desenho, pintura, escultura). É possível observar os processos de reprodução já no século II no Oriente, tendo como funcionalidade a produção de carimbos e estamparias, primeiramente empregada pelos egípcios, e posteriormente utilizada pelos chineses a partir do século IV. Com a invenção da imprensa, por Johann Gutenberg, no século XV, a xilogravura (primeira técnica de gravura) vem atrelada à criação da tipografia.

Com a reprodutibilidade da obra de arte também como marca da contemporaneidade nas Artes Visuais, o múltiplo ganha potência de criação para pensar a expansão da obra de arte, bem como a interação com públicos variados. As publicações de artistas e o múltiplo, em suas variadas técnicas e hibridismos entre imagens/textos/objetos seriados, auxiliam a pensar o contemporâneo que traz novamente a reprodução como princípio e como *espaço movente*⁵ de arte. Tornam-se esses

4 Ver mais em: www.projetoarmazem.com

5 Espaços moventes de arte faz referência ao livro *Estratégias Expansivas: Publicações de Artistas e seus Espaços Moventes*, de Michel Zóximo, Edição do Autor, 2011.

dispositivos campos para *espaços portáteis*⁶ de exposições.

São 3 processos articuladores que dão título e conceituam o Projeto Armazém desde seu início. A primeira edição do Projeto Armazém, aconteceu no ano de 2011 no Museu Victor Meirelles em Florianópolis (SC). Foi realizada a partir de um convite feito pelo Museu a Juliana Crispe, quem idealizou a curadoria. Ao ser lançado o desejo de uma exposição de Múltiplos de Artistas, a curadoria colocou em foco, como primeiro ponto, uma questão histórica, sobre o local onde abriga o Museu Victor Meirelles. A edificação foi a casa natal de Victor Meirelles e se tornou um bar/armazém durante parte da primeira metade do século XX. Este dado foi um dos atravessamentos para pensar não apenas uma exposição de múltiplos, mas em como extrair da história daquele lugar possibilidades para se pensar o projeto expositivo que ali seria realizada.

O segundo processo articulador para a criação do Projeto Armazém tem como base a investigação o grupo Fluxus e em especial ao texto de Arthur C. Danto, “O Mundo como Armazém: Fluxus e Filosofia”, presente no livro *O que é Fluxus? O que não é! O porquê*. Para Arthur Danto:

Agora instruiremos alguém a entrar no armazém e voltar trazendo consigo todas as obras de artes lá contidas. Ele poderá fazer isto com algum sucesso, apesar de que, como os próprios estetas admitiriam, a pessoa não contém uma definição satisfatória de arte em termos de algum denominador comum (Danto, 2002, p.23).

O texto de Danto e toda a experiência e proposição de arte produzida pelo grupo Fluxus, tornam-se disparadores para pensar o Projeto Armazém como um espaço relacional com/sobre/através da Arte. Nos anos de 1960 e 1970, o grupo Fluxus alargaram os espaços possíveis para pensar as exposições artísticas e o encontro com os espectadores,

6 *Espaço portátil: exposição* publicação é um conceito explorado pela pesquisadora Regina Melim, o artigo está publicado na ARS, no ano de 2006.

expandindo as linguagens artísticas e o papel do próprio artista, tornando a arte um espaço para conexões, rizomas e amplificação. Nesse sentido, lançar-se em constelações possíveis, sem definições estabelecidas de antemão, propondo alargamento de fronteiras, novos espaços articuladores e móveis com a arte, é o que faz do Armazém um projeto/galáxia, uma cartografia sem desenho prévio, que se faz ao caminhar, ao constelar os desejos de realização e de encontros. Armazém é um, ou múltiplos espaços, um projeto compartilhado por um número de movimentos e jogos de relações.

Para Ana Paula Cohen, o grupo *Fluxus* cria uma ruptura, pois:

Trata-se da compreensão de que qualquer objeto existe em um contexto mais amplo, como parte de uma estrutura, visível ou não, em relação a outros elementos, e que tais relações e dinâmicas ocorrem no tempo e no espaço, mas não num momento, nem num único lugar (Cohen, 2012, p.339).

Nessa ressonância, o Projeto Armazém pode ser pensado em diálogos possíveis com a biblioteca, o museu, o mundo; em dilatação do espaço comum da arte.

O terceiro processo articulador do projeto, referencia-se a imagem utilizada para compor quase todos cartazes das edições do Projeto Armazém, uma fotografia do bisavô de Juliana Crispe, idealizadora do projeto. Seu bisavô, Osvaldo Manoel Valgas (mais conhecido como seu Vadico), foi primeiramente funcionário e posteriormente sócio de um armazém, o *Armazém Luz*, no bairro Prainha, em Florianópolis (SC), entre as décadas de 1930 e 1990. (Fig. 1). A imagem remete ao arquivo e a memória, temas importantes na construção artística, curatorial, de pesquisa e na formação da idealizadora.

Ao longo dos anos Juliana Crispe vem adquirindo obras em formato de múltiplo para compor as peças representativas do acervo do Projeto Armazém, às quais se somam uma coleção já iniciada por ela, antes da

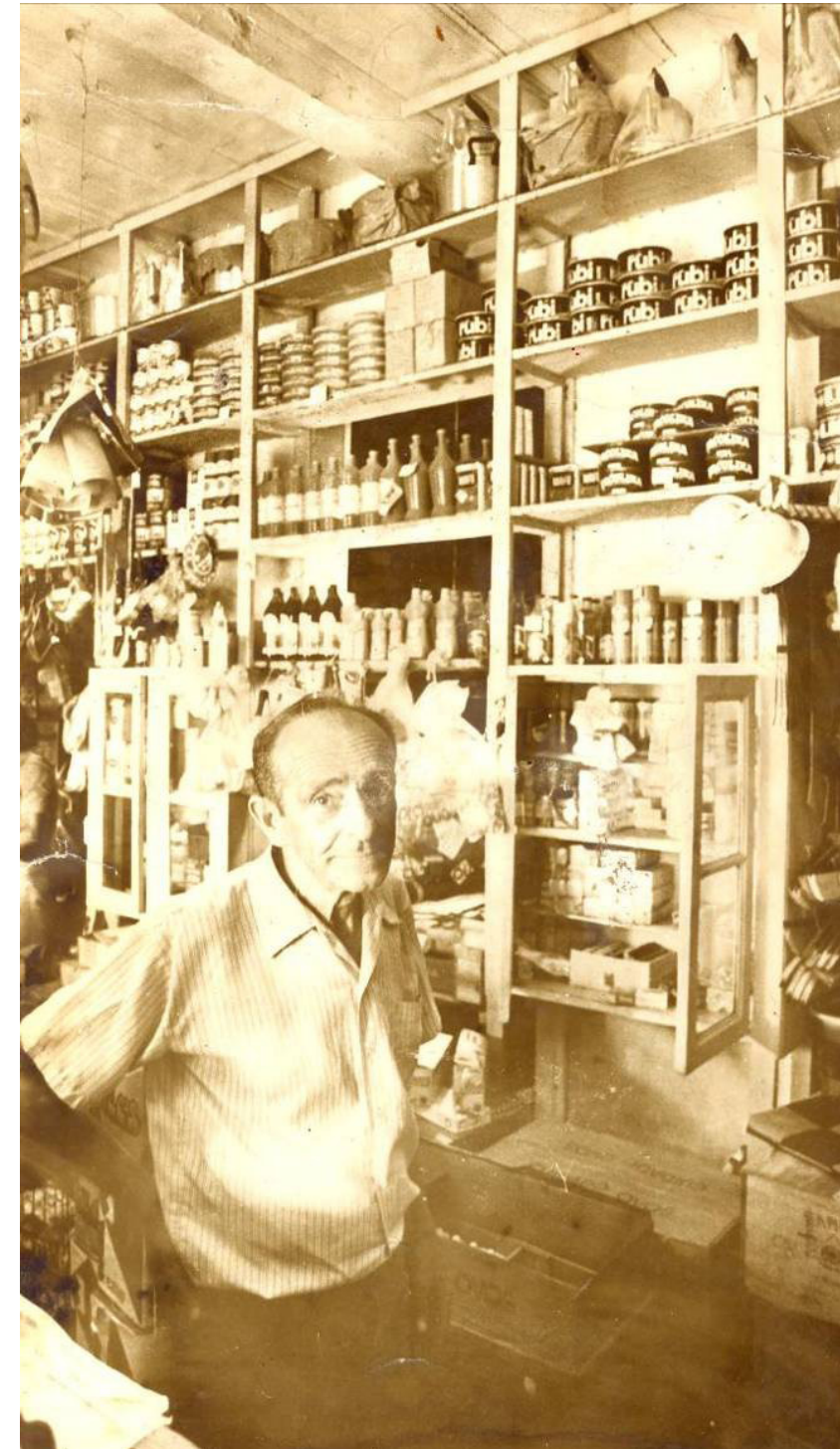


FIGURA 1.

Osvaldo Manoel Valgas (Seu Vadico) no Armazém de secos e molhados em Florianópolis (SC). Fonte: Acervo de Família

concepção do próprio projeto. E este movimento se encontra em uma crescente ampliação e, a cada edição, por meio de doações dos artistas participantes das exposições e feiras, vai se adensando a constituição do acervo do Projeto Armazém. Esse arquivo “perfura a expansão do museu”, como propõe Luiz Claudio da Costa (2011).

O acervo/coleção/arquivo conta com obras de mais de quatrocentos artistas/coletivos/editoras, em sua maioria brasileiros, totalizando mais de três mil peças. A relevância deste acervo confere dimensões históricas para o projeto no circuito da arte catarinense, tornando-o também significativo em um contexto nacional, cuja presença do projeto segue em expansão. Por outro lado, criar estratégias de conservação, catalogação e manutenção deste importante acervo torna-se um desafio constante.

Como se dão novas coleções e novos arquivos diante do múltiplo? Como pensar o Armazém enquanto arquivo coletivo e coleção? Como manter o Armazém como organismo vivo enquanto banco de dados e novas possibilidades de desdobramentos? Que operações do projeto estarão movendo este arquivo?

Pensar questões sobre o arquivo, a memória, a educação, a curadoria e trabalhos colaborativos/coletivos está instituído neste percurso aqui citado. Nas vertentes que reverberam nesse processo de formação múltipla pode-se pensar no *artista-etc*, termo apresentado pelo artista, escritor, professor, crítico e curador Ricardo Basbaum, no texto “Amo os artistas-etc”, construído para a Documenta de Kassel, realizada em Frankfurt, na Alemanha, no ano de 2004. Basbaum aborda o artista como curador, crítico, agenciador, apresentando-o como *artista-etc* e não apenas *artista-artista*.

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de ‘artista-artista’; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc’ (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, ar-

tista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc). (Basbaum, 2013, p.167)

O *artista-etc* pensa o artista em multiplicidade, em amplitude, em espaços de atuação distintos. Nesse sentido, o Projeto Armazém provocou pensar o cenário artístico como este lugar articulador, que cria conexões e diálogos que se expandem, proporcionando um espaço de jogo em movimento, dos sistemas híbridos da arte contemporânea, onde nos encontramos como propositoras, como artistas, professoras, educadoras, curadoras, propositoras, editoras, etc.

Se o primeiro desejo do Projeto Armazém foi gestar um projeto expositivo e coletivo que tinha como premissa o múltiplo e a reprodutibilidade da arte em suas variadas vertentes - publicações de artista, livros de artista, cadernos de artista, cadernos de desenho, diários de artista/diários de bordo, postais, panfletos, cartazes, gravuras, fanzines, lambe-lambes, *stickers*, cartões, carimbos, objetos múltiplos; ou seja, trabalhos que tenham tiragens (de pequenas e grandes edições) -, este projetou sua própria expansão, um gestar constante diante de tudo que desenvolve no circuito artístico da arte catarinense e um zelar sobre aquilo que cabe a ele cuidar para desejar continuar expor/mostrar/expandir/conectar.

Com a conquista do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura de 2017 da Fundação Catarinense de Cultura, em execução nos anos de 2018 e 2019, foi possível realizar o primeiro movimento de catalogação do acervo do Projeto Armazém, bem como reunir 439 artistas, e 921 trabalhos, na exposição e feira de múltiplos da 16ª edição do projeto, intitulada *O Mundo como Armazém* (Figs. 2 e 3). Além disso, a premiação possibilitou o desenvolvimento do “Seminário Diálogos sobre o Múltiplo e Publicações de Artista”, que reuniu pesquisadores de referência em âmbito nacional, nas práticas artísticas ligadas aos



FIGURA 2.

Acervo em exposição na 16ª edição do Projeto Armazém: “O Mundo como Armazém” – Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), 2018. A exposição foi uma das ações contempladas pela premiação no Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura / FCC e fez parte dos 70 anos do MASC. Fotografia: Duda Desrosiers.



FIGURA 3.

16ª edição do Projeto Armazém: “O Mundo como Armazém” – Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), 2018. A exposição foi uma das ações contempladas pelo Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura / FCC e fez parte dos 70 anos do MASC. Fotografia: Duda Desrosiers.

múltiplos⁷. As atividades viabilizadas por meio do Prêmio Elisabete Anderle incluíram, por fim, o lançamento do livro/publicação *Projeto Armazém* (2019), com organização de Francine Goude e Juliana Crispe, que reúne a história da trajetória do projeto. As ações do prêmio bem como de sua 16ª edição aliam-se ao projeto de Pós-Doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV-UDESC) realizado por Juliana Crispe, intitulado *Armazém: Reflexões sobre o projeto, o múltiplo e a publicação de artista e outros desdobramentos*, com supervisão de Raquel Stolf. A pesquisa pós doutoral buscou ampliar a análise conceitual do projeto.

Nos anos de 2017 a 2019, o Projeto Armazém foi mapeado no escopo da região sul pelo *Territórios da Arte*, projeto da Fundação Nacional de Artes (Funarte), em parceria com o Centro de Artes Universidade Federal Fluminense (UFF), participando da exposição nacional em Niterói, na UFF. Neste mesmo período, esteve presente em exposições e feiras em distintas cidades do estado de Santa Catarina, integrou as ações dos 70 anos do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) e realizou exposição, feira e processo de formação sobre múltiplo e publicação de artista no Solar do Barão, em Curitiba-PR. Em 2018, participou da programação da Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba, na comemoração dos 25 anos da Bienal.

Em 2019, o projeto realizou uma Oficina na Oswald de Andrade, em São Paulo-SP, que foi ministrada por Juliana Crispe, além de duas exposições na capital paulista, a “19ª edição do Projeto Armazém - Tipografia – substantivo feminino”, na Galeria Choque Cultural, e a mostra de lambe-lambe pelas ruas da cidade “20ª edição Projeto Armazém - A História Ocultou e a Cidade tem para nos contar”, realizadas como

7 O Seminário “Diálogos sobre o Múltiplo e Publicações de Artista”, realizado em junho de 2018 no Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis-SC, contou com falas de Ricardo Corona (Editora Medusa), Amir Brito Cadôr, Marcia Sousa, Helene Sacco (Lugares-livro) e Elida Tessler.

parte da 14ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba – que contou com curadoria geral de Adolfo Montejo Navas e Tereza de Arruda. Ainda em 2019, através da indicação do então Diretor Geral da Fundação Bienal de Curitiba - Luiz Ernesto Meyer Pereira - Juliana Crispe recebeu em 2019 o prêmio Jovem Curadora da Bienal, pela realização de curadorias e projetos coletivos e, em especial, pela concepção do Projeto Armazém.

Em 2020 realizou outra edição da mostra *Tipografia substantivo feminino*, dentro da programação da Bienal Internacional de Curitiba, no espaço Designer Center, em Curitiba/PR, estabelecendo um recorte de mais de 100 artistas mulheres presentes no acervo do Projeto Armazém (Figs. 4 e 5).

A coletividade é uma das características importante para o Armazém. Está em jogo as relações entre artistas de gerações distintas e de formações diferentes, a diversidade compõe o projeto e auxilia a pensar as expografias das mostras, propondo o espaço como um grande armazém que acomoda as obras de cima para baixo, de baixo para cima, lado a lado. Nas exposições do Armazém não há etiquetas com a ficha técnica das obras, o que faz com que se subtraia a autoria do artista de forma direta para o público, produzindo um efeito onde as montagens das exposições evidenciam o caráter coletivo. Em cada edição do Projeto, um ou mais curadores são convidados a participar da seleção de artistas, obras ou temas, compartilhando olhares diferenciados e propondo aproximações com artistas locais, por onde o projeto transita.

Todas as ações realizadas pelo Projeto Armazém são, portanto, feitas por meio de um trabalho colaborativo, com um grande coletivo envolvido, que perpassa pelos curadores convidados em cada edição, pelas instituições parceiras e pela equipe do projeto composta atualmente por Juliana Crispe, Fran Favero, Francine Goudel, Joana Amarante, Lorena Galeri, Matheus Abel e Sil Lucas, que voluntariamente trabalham para a permanência das atividades, e por todos os artistas que passam e



FIGURA 4.

19ª edição do *Projeto Armazém* – Tipografia substantivo feminino, realizada na Bienal Internacional de Curitiba, na Galeria Choque Cultural, São Paulo/SP, 2019. Edição com recorte de mais de 100 artistas mulheres presentes no acervo do Projeto Armazém.

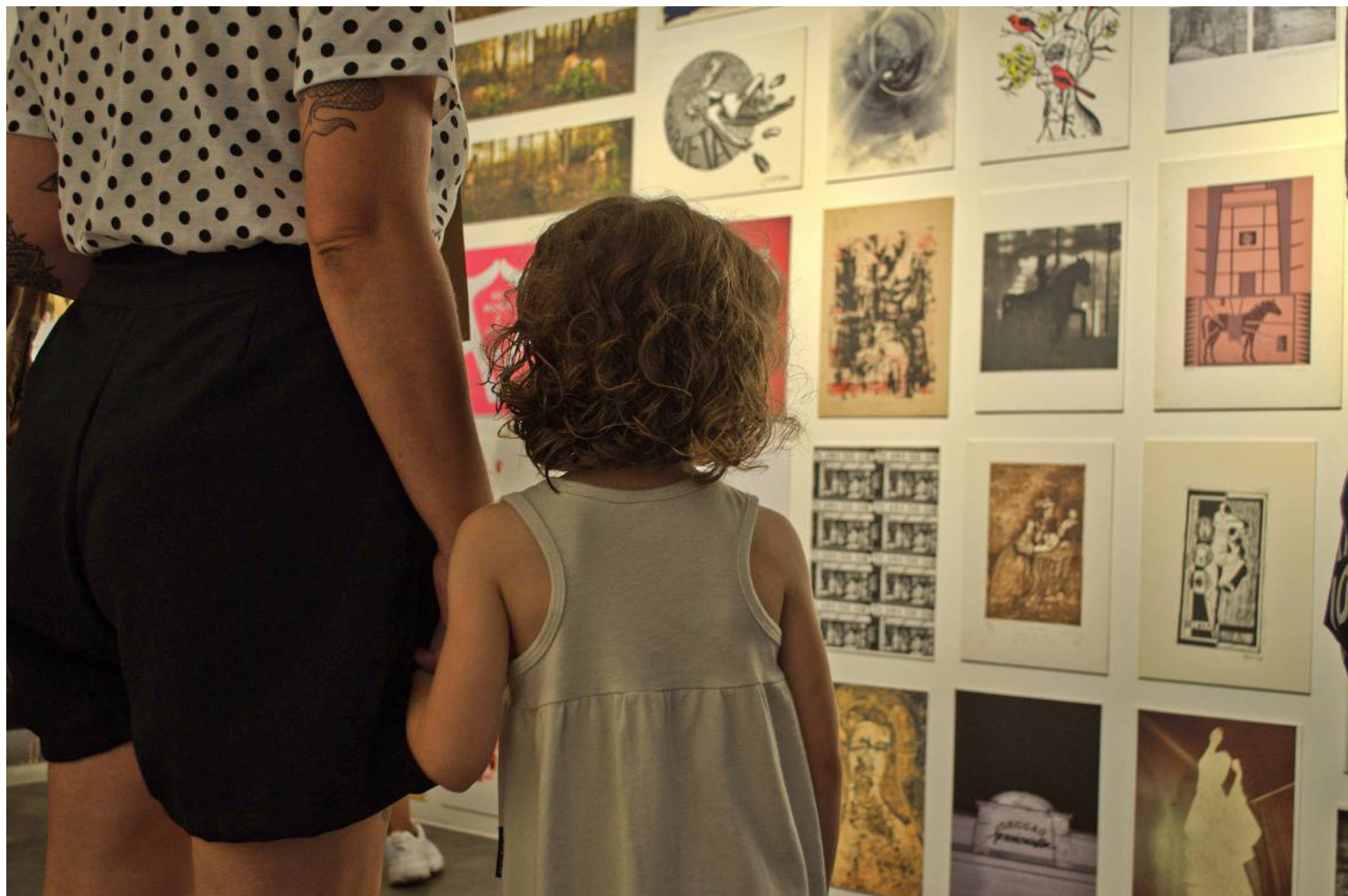


FIGURA 5.

21ª edição do *Projeto Armazém* – Tipografia substantivo feminino, realizada na Bienal Internacional de Curitiba, no espaço Designer Center, Curitiba/PR, 2020. Edição com recorte de mais de 100 artistas mulheres presentes no acervo do Projeto Armazém. Fotografia: Juliana Crispe.

passaram pelo projeto e que constroem essa história.

É importante enfatizar que a equipe que constitui o projeto também se constrói por meio de um desejo de participação e de um interesse na área dos múltiplos e das publicações de artistas. A formação da equipe se dá pela aproximação de profissionais já atuantes e com trajetória na área artística, que passam a integrar essa coletividade pois desejam contribuir com o projeto, mas também se relaciona fortemente com a atuação de Juliana Crispe como professora do Departamento de Artes Visuais da UDESC, e com o espaço dado pelo projeto para que estudantes da graduação, pós-graduação e pessoas em início de carreira, para atuarem dentro do projeto.

Dessa forma, integrar a equipe do Armazém é participar de um coletivo propositivo, aberto à múltiplas contribuições, e, simultaneamente, fazer parte de um processo de formação, já que é neste contexto que muitas pessoas iniciam ou adensam suas jornadas profissionais, desenvolvendo atividades que envolvem a produção, a curadoria e a montagem de exposições; a organização de feiras; a formação, catalogação e manutenção de acervos de obras de arte, além do contato com eventos, instituições de arte e com profissionais da cena artística contemporânea de maneira ampla.

Portanto, o Projeto Armazém entende e executa sua vocação educativa e formativa em múltiplos aspectos, não só ao estimular a circulação de obras e ao abrir espaço para que artistas jovens e em início de carreira exponham seus trabalhos, mas também contribuindo diretamente para a formação de profissionais que poderão atuar dentro e fora do projeto nas áreas de gestão, produção, curadoria, montagem, manutenção de acervo, restauro, entre outras possibilidades.

Essa proximidade com o campo educativo também se relaciona por meio da parceria com a UDESC, estabelecida em diversas ocasiões nos anos de existência do projeto, incluindo as edições das exposições e feiras de múltiplo que aconteceram dentro de seu próprio Centro de Artes, como

a 3ª edição do Projeto Armazém, realizada em 2013 na programação do VIII Ciclo de Investigações PPGAV/UDESC “Irradiações Contemporâneas”; a 14ª edição do Projeto Armazém - Exposição “Imago Mundis”, realizada em 2017 na programação do XII Ciclo de Investigações PPGAV/UDESC “ Agouro, Ágora, Agora”, com mostra no Museu da Escola Catarinense da UDESC, no centro de Florianópolis; a 25ª edição do Projeto Armazém, que integrou a programação do “Simpósio Publicações de Artistas: Diálogos entre o Impresso e o Digital”, em maio de 2023, uma parceria com o Grupo de pesquisa Articulações Poéticas do DAV/UDESC; e, mais recentemente, a 26ª edição intitulada “Fayga Ostrower – Muito além dos Universos”, ocorrida em outubro de 2023 na Galeria Jandira Lorenz do Departamento de Artes Visuais da UDESC, edição que teve além da exposição uma feira.

Além disso, ainda em relação ao aspecto educativo do projeto, em algumas de suas edições propuseram-se oficinas de formação para que os artistas das cidades que acolhem o Armazém pudessem também produzir obras que fossem configuradas como múltiplos e publicações de artista. A seleção dos trabalhos realizados na formação pelos curadores se integra à exposição, gerando oportunidade para outros artistas participarem do Armazém. Também, juntamente com a equipe educativa dos espaços, pensa-se numa proposta de mediação que é sempre móvel em relação às estruturas que recebem o projeto (Fig. 6).

Por se tratar de uma proposta artístico-pedagógica, a produção no contexto das oficinas constituiu para muitos/as participantes um primeiro contato com processos de criação em arte a partir do múltiplo e das publicações de artista. As produções nas oficinas figuravam entre as obras expostas na edição em questão, ao lado de outras obras do acervo.

Dessa forma, o Projeto parte não só do entendimento de que qualquer pessoa pode produzir objetos, materializações e proposições artísticas, o que claramente se aproxima do pensamento presente na arte a partir dos anos 1960/70, sobretudo na atuação do grupo Fluxus,



FIGURA 6.

11ª edição do *Projeto Armazém*, realizada na Sala Edi Balod, na Universidade do Extremo Sul Catarinense, em Criciúma, SC. A edição contou com oficina ministrada por Juliana Crispe. Os trabalhos produzidos durante a oficina integraram a exposição. Fotografia: UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

afastando a noção modernista do gênio artista. Para além disso, as proposições envolvem ainda a criação de circuitos alternativos nos quais tais produções podem ser expostas e compartilhadas. O projeto, portanto, visa a criação poética e artística, bem como na formação de público e na criação de circuitos de exposição, troca e venda fora do eixo hegemônico, abrindo espaço para novas produções e experiências.

É importante destacar no projeto o caráter relacional com o público. Armazém é um espaço propositor de relações com a arte. Adentrar nesse espaço é quase sempre se perder, ser capturado, entrar em uma biblioteca que extrapola o que se busca encontrar, uma exposição labiríntica. Uma biblioteca-armazém-mundo formada por livros, revistas, cartões, pequenos bilhetes, objetos, etc. Cada recombinação e experiência tornam-se indicativos sobre múltiplas perspectivas de um acervo sempre vivo e com possibilidades de recombinações, conexões sempre novas. As imagens, as palavras e os objetos criam uma aproximação envolvente que provoca desvios do que se espera encontrar em uma exposição.

Não apenas as exposições, mas também as feiras de obras dos artistas participantes do projeto tornam-se espaços para trocas. Para além das vendas, os encontros tornam-se momentos relacionais entre artistas e público. Os artistas participantes do projeto têm liberdade para participarem das feiras com obras que tenham o caráter de múltiplo e que sejam de suas escolhas, não necessariamente colocando à disposição as mesmas obras que estão em exposição. Os movimentos tornam-se disparadores que ampliam as possibilidades do Armazém.

Importante ressaltar que, há alguns anos, as feiras voltadas para publicações independentes têm se tornado constantes no Brasil, movimentando públicos diversificados. Esses acontecimentos abrem espaço para os mais variados temas e encontros. O crescimento destas feiras, promovido pela parceria entre editoras pequenas e artistas, torna-se um sintoma claro que quanto mais burocratizado e fechado um mercado fica, mais é vital criar vias alternativas que liguem quem cria

conteúdo a quem o consome. As feiras tornam-se estímulo para criação, produção e veiculação de produtos que fogem à cartilha convencional. Fluir nesses espaços é criar resistências que propõem caminhos distintos e autônomos.

Podemos destacar nacionalmente a *Feira Plana*, que é uma das referências dessa iniciativa no país; a *Tijuana*, que acontece desde 2009 e traz reflexões para além das feiras; a *Parada Gráfica*, entre outras. Criase com essas feiras um novo eixo para pensar produções independentes.

O Armazém se aproxima dessas feiras, mas, ao mesmo tempo, distancia-se em alguns aspectos. Em todas as edições, o Projeto Armazém se configura como exposição e feira, e propõe criar diálogos conceituais e de pesquisas como desdobramentos (Fig. 7). Entretanto, como exposto ao longo deste texto, esta proposta se estende para além do momento da exposição e feira, gerando um processo contínuo de construção de coletividades, desdobramentos, parcerias, formações e outras ações que se desprendem em múltiplas atuações. Todas as dimensões do projeto pretendem gerar vivências e situações que possuam um sentido para quem dele se acerca, tendo como base a motivação educativa, coletiva, de acesso ao público em geral ao propor outros circuitos, de formação de público, e um compromisso de garantir o acesso à artistas, dar oportunidade ampla a quem deseja participar, exercendo um olhar atento para a produção de jovens artistas, de mulheres, pessoas trans, artistas não-binárias e da comunidade LGBTQIA+, a fim de garantir a diversidade e a equidade de gênero em suas mostras e atividades.

Este texto pretende atravessar e ser atravessado pelo conceito do Projeto Armazém enquanto um dispositivo propositor de *experiências* na construção de uma cartografia. Entende-se a noção de experiência a partir de Jorge Larrosa Bondía, para quem “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondía, 2002, p. 21). O autor



FIGURA 7.

7ª edição do *Projeto Armazém*, realizada no NaCasa - Coletivo Artístico, Florianópolis / SC. A edição contou exposição e feira de múltiplos e publicação de artistas. Fotografia: Equipe 7ª edição Projeto Armazém.

percebe que vivenciar essa experiência, algo que nos toca profundamente, é uma situação cada vez mais rara, sobretudo pelo excesso de informação e de trabalho. Para que a experiência possa ocorrer, é preciso tempo e espaço, o estabelecimento de uma pausa que possibilite uma escuta, uma abertura, uma receptibilidade para que algo possa *nos* acontecer, para que surja assim o sujeito da experiência, que “seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (Bondia, 2002, p. 24).

Esse recorte de um projeto que deseja promover experiências, deixar marcas e vestígios dentro das inúmeras possibilidades desencadeadas por essa proposição, que é em si múltipla, aberta e complexa, propõe pensar essas práticas como um lugar de afeto/afecção.

A dimensão do *afeto* é entendida a partir de Espinosa, sobretudo a partir da reconfiguração desse pensamento proposta por Deleuze “que vê no afeto um tipo de afecção, ou seja, sensações ou percepções, sendo algo que nos atravessa” (Pereira, 2014, p.111). Portanto, ser afetado/a, tocado/a e atravessado/a é parte crucial do Projeto Armazém, que se move de uma maneira singular dentro dessa paisagem de proposições que envolvem os múltiplos e as publicações de artista.

O acionamento dos afetos/afecções, o diálogo com a dimensão da educação e da vida, a abertura para participação ampla e a percepção por meio da experiência é o movimento em construção proporcionado pelo Projeto Armazém. O projeto se abre em uma multiplicidade de outras ações que se enredam nestas teias de afetos/afecções e adensam o potencial de produção e relação com coletividades outras. Como exemplo, no ano de 2014, Juliana Crispe em parceria com Marina Moros, criou o *Selo Armazém* vinculado à editora Cultura e Barbárie, que tinha por objetivo editar livros em pequena escala, com encadernações e produções manuais, em tiragens de até 100 exemplares. Os livros produzidos pelo *Selo Armazém* voltavam-se para traduções de obras



FIGURA 8.

“Don’t touch it’s art”, performance de Lê Bafão, realizada na feira da 16ª edição do Projeto Armazém. Fotografia: Duda Desrosiers.

raras e publicações de artistas. Hoje, a Cultura e Barbárie segue com Marina Moros e com destaque a outras publicações e formatos.

Outro movimento importante acontece em 2016, com a criação do *Espaço Cultural Armazém*⁸, localizado no Sambaqui, em Florianópolis (SC), local que, além de dispor de uma sala destinada ao acervo do Projeto Armazém, tornou-se um espaço colaborativo, onde grupos distintos reuniram-se. Um espaço físico não só garantiu a conservação adequada da coleção, mas também possibilitou o acesso a consulta do acervo do projeto por pesquisadoras, gestoras de coleções públicas e privadas, colecionadoras, estudantes, artistas e visitantes do *Espaço Cultural Armazém*, ou ainda para quem permanecia no local para residências artísticas ou que ali realizavam estadias ou visitas vinculadas às suas pesquisas acadêmicas. Pela própria constituição do acervo, tornava-se possível acessar não só o trabalho de artistas com carreira estabelecida, mas também era conferida visibilidade a trabalhos propostos por artistas ainda em construção de percurso profissional, além de ser um local privilegiado para que fosse vista e estudada a arte em múltiplo produzida em Santa Catarina.

Dentro do *Espaço Cultural Armazém* nasce também o *Coletivo Elza*, um grupo de mulheres atuantes no circuito artístico, cultural e social no Estado de Santa Catarina. O coletivo tem como objetivo promover arte, cultura, infância, educação sem violência, parto humanizado, saúde coletiva, empoderamento de mulheres, questões de inclusão e luta étnico-raciais, diversidade e gênero.

No ano de 2023, celebramos os 12 anos de Projeto Armazém com uma exposição especial, com feira de múltiplo, realizada nos meses de outubro e novembro, na Galeria Jandira Lorenz do Departamento de

8 O Espaço Cultural Armazém foi assunto da matéria “Arte e vida na urgência do existir”, de autoria de Néri Pedroso, presente na Revista Select #43 – Coletivos. Disponível em <https://select.art.br/arte-e-vida-na-urgencia-do-existir/>. Acesso em 04 junho 2023.

Artes da UDESC.

A edição é uma realização do Projeto Armazém em parceria com a Galeria Jandira Lorenz, com apoio do Instituto Fayga Ostrower, Projeto Integrado, Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas, Grupo de Pesquisa Compor e PPGAV/UDESC e promoção do Centro de Artes UDESC. A exposição “Fayga Ostrower: Muito além dos Universos”, que é a 26ª edição do projeto, reúne 20 gravuras da artista, pertencentes ao acervo do Projeto Armazém, fruto do incentivo do Instituto Fayga Ostrower. (Fig. 9).

Nas obras abstratas, Fayga deu como título uma numeração que traz duas informações: os 2 primeiros algarismos (81) são o ano em que ela foi produzida (1981); os 2 últimos números (01) se referem à quantas gravuras foram feitas naquele ano – portanto esta gravura foi a 1ª feita naquele ano.

O Projeto Armazém foi uma das instituições contempladas no *Programa de doação de obras de Fayga para o Brasil*, realizado pelo Instituto Fayga Ostrower e organizado por Noni Ostrower e Carl Robert Ostrower, filhos da artista, como forma de garantir o acesso democrático à arte. Como parte do compromisso com a doação, o projeto realiza a homenagem à artista, celebrando seus cem anos de nascimento (1920-2020), em uma exposição que busca mostrar seu pensamento de vanguarda, de importante atuação no cenário nacional.

Além de artista, as atividades de Fayga Ostrower como arte educadora e teórica das artes, cujos temas e textos desenvolvidos a inserem no eixo do projeto pedagógico e cultural da própria nacionalidade brasileira, são amplamente conhecidas e estudadas até a atualidade. A exposição procura manifestar a gratidão pelas doações, ao mesmo tempo em que busca mostrar a singularidade das obras produzidas em um período histórico brasileiro em que a gravura se apresentou com toda expressividade, muito distante de uma arte considerada equivocadamente menor.

Na agenda de atividades da exposição estão uma conversa com a filha



FIGURA 9.

8101, Fayga Ostrower. Litografia sobre papel, 1981, 60 x 40 cm. Obra presente no acervo do Projeto Armazém doada pelo Instituto Fayga Ostrower.

da artista, a feira de múltiplos e ações educativas abertas à comunidade. Grupos escolares interessados em conhecer a exposição e realizar visitas mediadas e oficinas, são convidados a participarem de forma gratuita, sendo recebidos pelos docentes e discentes do curso de Artes Visuais da UDESC.

Essa multiplicidade do projeto o torna um arquivo vivo que em si tem sua formação como possibilidade de uma pesquisa cartográfica. Segundo Suely Rolnik, a cartografia na contemporaneidade é um movimento constante. A cartografia:

[...] acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. (Rolnik, 2011, p.23)

Assim, esse arquivo em constante construção torna-se uma cartografia, na qual conexões múltiplas podem ou não se estabelecer, possibilitando rizomas entre esses movimentos sem bordas definidas.

O Projeto Armazém segue reverberando, tomando a forma de um jogo relacional, propiciando aos artistas e ao público a experimentação do contato direto com os trabalhos, vendo, lendo, tocando, trocando impressões e sensações diante de todo o conjunto que é heterogêneo e desprendido de hierarquias, valorizando o múltiplo e o coletivo como força pulsante e necessária para as artes.

Referências Bibliográficas

BASBAUM, Ricardo. **Manual do Artista-Etc.** Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**[online]. 2002, n.19, p. 20-28. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>.

COHEN, Ana Paula. Entre o Museu e a Biblioteca. In: **Aberto fechado: caixa e livro na arte brasileira**. Curador: Guy Brett. Textos de Frederico Moraes e Ana Paula Cohen. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

COSTA, Luiz Cláudio da. O artista an-arquivista: os dispositivos de coleção na arte contemporânea. **Revista Porto Alegre**: Porto Alegre, v.18, n. 30, 2011.

CRISPE, Juliana; GOUDEL, Francine. **Projeto Armazém**. Editora Caseira: Florianópolis, 2019.

CRISPE, Juliana; FAVERO, Franciele; GOUDEL, Francine. ARMAZÉM: do projeto ao espaço cultural. In: **Territórios da Arte**. 1 ed. Niterói: UFF / FUNARTE, 2018.

DANTO, Arthur. O Mundo como Armazém: Fluxus e Filosofia. In: **O que é Fluxus? O que não é! O porquê. What's Fluxus? What's Not! Why.** Org: HENDRICKS, Jon. Brasília e Rio de Janeiro / Detroit: Centro Cultural do Banco do Brasil/ The Gilbert and Lila Silverman Collection Foundation, 2002.

MELIM, Regina. Espaço portátil: exposição-publicação. **ARS** (São Paulo) [online]. 2006, vol.4, n.7, pp.78-83. ISSN 1678-5320. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202006000100007>.

PEREIRA, Juliana Cristina. Cartografias Afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. **Ra'e Ga**, Curitiba, v. 30, p. 106-130, 2014.

ROCHA, Michel Zózimo da. **Estratégias expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes**. Porto Alegre: M. Z. da Rocha, 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2014.

Data de submissão: 17/07/2023

Data de aceite: 09/10/2023

Data de publicação: 08/11/2023